

REFLEXÕES ACERCA DA (DES)CONTINUIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Débora Freire de Lima ¹
Thamirys Pinheiro Cruz ²
Afonso Gomes de Oliveira ³
Francicleide Cesário de Oliveira ⁴

RESUMO

O número de estudantes que não conseguiram alcançar as habilidades de leitura e escrita para estarem alfabetizados durante o ciclo de alfabetização dentro do processo de progressão continuada, sofreu um crescimento acentuado principalmente depois da pandemia da Covid-19. Demandando, desse modo, uma atenção especial às práticas pedagógicas que estão sendo realizadas na sala de aula para promover a continuidade no ciclo de alfabetização desses alunos. Logo, o presente trabalho tem como objetivo compreender as possíveis causas que alguns alunos não conseguiram aprender a ler e a escrever durante o ciclo de alfabetização. O aporte teórico-metodológico está fundamentado na abordagem qualitativa, com pesquisa de campo e estudo bibliográfico. A pesquisa de campo foi desenvolvida através da aplicação de um questionário com professores (as) de português de 4º a 5º ano, da rede Municipal de ensino fundamental, localizada na zona rural de Pereiro/CE. O referencial teórico aborda reflexões acerca dos aspectos histórico-conceitual da alfabetização de crianças (SOARES, 2012; 2020; MORTATTI, 2000; 2006; OLIVEIRA, 2022); estratégias metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita (LEAL, 2005; SOARES, 2020; ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008; MORAIS, 2012). Os resultados apontam a necessidade de promover situações de aprendizagens com estratégias metodológicas diversas que atendam a todas as crianças, visando a continuação do processo de alfabetização e a participação plena dos alunos não alfabetizados nas atividades escolares. Uma vez que, não existe um manual pronto para o professor alfabetizador, mas demanda um conjunto de estratégias que exige avaliação diagnóstica contínua usada como base para o planejamento.

Palavras-chave: Estratégias de leitura, Alfabetização, Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e letramento de crianças vem sendo amplamente discutido nas últimas três décadas, partindo do pressuposto que a alfabetização é imprescindível para a democratização do conhecimento e estabelecimento de relações socioculturais do indivíduo, logo a discussão e a efetivação da alfabetização nos anos iniciais é fundamental para a formação estudantil e humana. Sob esse viés, o ciclo da alfabetização apresenta-se como um aspecto

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, deborafreire357@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, thamiryspc.15@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, afonso13579@gmail.com;

⁴ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, francicleidecesario@uern.br.

fundamental ao desenvolvimento humano, para tanto, faz-se necessário o planejamento contínuo e constante de estratégias metodológicas no ensino da leitura e escrita.

Um ponto importante a destacar é que houveram avanços significativos nas concepções histórico-conceituais da alfabetização de crianças, reconhecendo-a como um processo fundamental ao desenvolvimento pleno e integral nos anos iniciais da educação básica, que envolve a construção de significados, a aquisição de **conceitos e a compreensão da língua como um sistema de representação e** não mais como a internalização de códigos.

Nesse contexto, em decorrência dessas mudanças, surgiram diversas práticas e concepções de ensino, contribuindo significativamente para a efetivação do processo de alfabetização. Entretanto, para além da necessidade de abordagens inovadoras, é preciso levar em consideração os interesses, níveis de desenvolvimento e as experiências das crianças.

Vale ressaltar também que, a alfabetização na perspectiva do letramento não se trata de uma simples execução de um método usado para aquisição e decodificação do código alfabético, é necessário “[...] inserir as crianças em situações reais de leitura e escrita possibilitando a vivência da língua nos contextos das práticas sociais da língua escrita. (Oliveira, 2022, p. 120). Para isso, é importante considerar o processo de alfabetização como um ciclo contínuo de metodologias dinâmicas que exige o uso de estratégias que devem adequar-se às particularidades do contexto educativo, respeitando a complexidade dos espaços e a subjetividade dos indivíduos.

A partir de 2018 com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ciclo de alfabetização passou a ser constituído por dois anos, 1º e 2º anos do ensino fundamental, isso significa dizer que até o 2º ano as crianças devem estar alfabetizadas. Porém, muitas crianças passam pelo processo de progressão continuada, sem aprender a ler e/ou escrever, comprometendo o desenvolvimento do seu percurso escolar. Ao determinar que a criança precisa obter habilidades e competências específicas em um dado período de tempo (ciclo), é necessário promover situações de aprendizagens com estratégias metodológicas diversas que facilite o processo de aquisição e apropriação do conhecimento para todas as crianças.

Assim, observa-se que a descontinuidade no ciclo de alfabetização apresenta-se como um impasse. A descontinuidade é caracterizada como um problema estrutural muito comum na rede de escolas públicas brasileiras, que acontece quando não há uma continuidade no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita após a progressão continuada para as crianças que não desenvolveram as habilidades necessárias dentro desse ciclo. Prejudicando o desenvolvimento dos alunos que necessitam da escola para apropriar-se da leitura e escrita após

esse período, podendo ter como consequência o aumento das taxas de analfabetismo e a evasão escolar.

Diante desse cenário, esta pesquisa surgiu a partir da emergência notada com o aumento do número de estudantes que não conseguiram alcançar as habilidades necessárias de leitura e escrita para estarem alfabetizados durante o ciclo de alfabetização no processo de progressão continuada, principalmente depois da pandemia da Covid-19. Demandando assim, uma atenção especial às práticas pedagógicas que estão sendo realizadas na sala de aula para promover a continuidade no ciclo de alfabetização desses alunos. Diante disso, objetivamos compreender as possíveis causas de alguns alunos não conseguirem aprender a ler e a escrever durante o ciclo de alfabetização.

O aporte teórico-metodológico está fundamentado na abordagem qualitativa, com pesquisa de campo e estudo bibliográfico. A pesquisa de campo foi desenvolvida através da aplicação de um questionário com professores (as) de 4º a 5º ano, da escola Municipal de ensino fundamental, localizada na zona rural de Pereiro/CE. O referencial teórico aborda reflexões acerca dos aspectos histórico-conceitual da alfabetização de crianças (Soares, 2012, 2020; Mortatti, 2000, 2006; Oliveira, 2022); estratégias metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita (Leal, 2005; Soares, 2020; Albuquerque, Morais, Ferreira, 2008; Morais, 2012).

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAL E SOCIAL

Historicamente, na história da educação brasileira, o processo de alfabetização na perspectiva do letramento é relativamente recente, passando a ser discutido nas últimas quatro décadas. Isso significa dizer que foi sendo reinventado de acordo com as necessidades de cada época. Magda Soares (2012) reforça essa tese, quando aborda o aspecto histórico-conceitual da alfabetização, destacando como a compreensão desse processo evoluiu ao longo do tempo. Mortatti (2000) aponta que a evolução não foi apenas conceitual quanto aos métodos de alfabetização, mas a mobilização para a formação de professores alfabetizadores capacitados era intensa, sendo os cursos de formação frequentemente reformulados para atender as novas práticas difundidas.

No Brasil, a alfabetização passou por diferentes momentos históricos de abordagens de suas práticas pedagógicas, desde os métodos tradicionais passando pelas teorias do

construtivismo, das perspectivas do letramento e abordagem histórico-cultural. Inicialmente, as discussões giravam em torno de qual método seria mais eficiente para alfabetizar.

[...] seria o método sintético, que toma como base, para iniciar a alfabetização, as subunidades da língua, como as letras e os fonemas, para fazer as correspondências fonográficas até chegar a unidades maiores, como palavras. Ou seria o método analítico que tem como ponto inicial, na aprendizagem, unidades linguísticas maiores como palavras, frases ou pequenos textos, para em seguida decompor em unidades menores como as letras e as sílabas. (Oliveira, 2022, p. 111-112).

Não havia um consenso quanto ao método mais ou menos eficaz de alfabetização, pelo contrário, havia uma disputa entre professores e pesquisadores da área. No entanto, em virtude das discussões já sistematizadas, o que conhecemos atualmente é que a alfabetização não é uma mera técnica de aquisição da língua escrita como foi pensada pelos métodos tradicionais. Assim, sendo,

Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma revolução “conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. (MORTATTI 2006, p. 10).

Nesse sentido a evolução conceitual no processo de aprendizagem foi fundamental para redirecionar as práticas desenvolvidas, passando a se adequar ao processo de aprendizagem dos sujeitos. Desse modo, “[...] para que o sistema de escrita alfabética seja plenamente compreendido e assim se complete a alfabetização, **o foco não deve ser o ensino** (o “método”), mas **a aprendizagem, o como a criança aprende**” (SOARES, 2020, p.119). Em outras palavras, é importante focar na mediação da aprendizagem das crianças, diagnosticando suas capacidades e possibilidades do seu desenvolvimento para que a criança possa atingir seu potencial cognitivo e linguístico para se apropriar do sistema de escrita alfabética.

Diante disso, em consonância com Soares, a ideia defendida na presente pesquisa parte da reflexão quanto ao ciclo da alfabetização como um processo que não segue de maneira linear a um método de ensino, mas um conjunto de estratégias traçadas a partir da forma com que o aluno consegue aprender, considerando assim os contextos sociais e culturais dos sujeitos para sua aprendizagem significativa.

Soares (2012) enfatiza a importância de uma alfabetização contextualizada, que leve em conta o contexto social e cultural das crianças, e que seja sensível às diversidades linguísticas e culturais presentes no país. Nessa mesma perspectiva, Mortatti (2006), afirma que a ênfase

está na importância de compreender a alfabetização como um processo social e cultural. A alfabetização não deve ser vista como uma habilidade puramente individual, mas sim como um ato social que ocorre em um contexto específico. Isso significa que a aprendizagem da leitura e da escrita é influenciada pelo ambiente social e cultural em que a criança está inserida.

Sendo assim, precisamos compreender que para que a meta seja alcançada é preciso que a aprendizagem seja contextualizada e significativa para quem aprende. Portanto em consonância com Soares (2012) e Mortatti (2006) entendemos que o processo de alfabetização deve ser desenvolvido na perspectiva do letramento, pois não basta ler é preciso compreender o que foi lido, como uma sistemática de fenômenos culturais e sociais, que podem variar entre os diferentes contextos e sujeitos.

Nesse viés, pode-se salientar a importância de desenvolver pesquisas na área da Educação, que buscam refletir acerca dos aspectos histórico-conceituais e sociais da alfabetização de crianças como temas cruciais para uma compreensão completa e aprimoramento desse processo de ensino aprendizagem.

ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A ALFABETIZAÇÃO COMO UM PROCESSO CONTÍNUO

O processo de alfabetização é contínuo e depende de alguns fatores para tornar-se efetivo, dentre eles, a formação de professores; recursos e materiais didáticos de qualidade; espaço escolar estruturado e acolhedor; participação familiar; estímulo à leitura e escrita; atenção individualizada e aprendizagem significativa. Nesse sentido,

Fatores como os avanços teóricos na área, mudanças nas práticas sociais de comunicação e o desenvolvimento de novas tecnologias têm forjado novas propostas pedagógicas e a produção de novos materiais didáticos relacionados à alfabetização inicial e ao ensino de línguas em geral (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008, p. 258).

Assim, para os autores, os avanços teóricos e tecnológicos têm contribuído para mudanças significativas na forma como o ensino da leitura e da escrita tem sido concebido e colocado em prática. No campo das práticas pedagógicas, buscou-se a criação de um conjunto de estratégias metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura e escrita, visando atender as dificuldades subjetivas e a complexidade da apropriação do sistema de escrita alfabética, entendendo que esta “[...] não é algo que se dá da noite para o dia, nem pela mera acumulação de informações que a escola transmite, prontas, para o alfabetizando” (MORAIS, 2012, p. 48),

mas por um percurso evolutivo em que “[...] os aprendizes precisam dar conta de dois tipos de aspectos do sistema alfabético: os conceituais e os convencionais” (MORAIS, 2012, p. 50).

Parece complexo, e realmente não é um processo rápido e fácil, visto que na sala de aula não temos uma criança e sim várias crianças, com processos evolutivos de aprendizagem diferentes, que precisam constantemente ser avaliados e considerados para atender aos aspectos conceituais e convencionais. Isso porque sabemos que “[...] a aprendizagem não se dá num mesmo ritmo para todos os aprendizes e que eles não percorrem exatamente os mesmos caminhos” (LEAL, 2005, p. 89). Ou seja, além da complexidade que há no processo de alfabetizar, essa é acrescida com a heterogeneidade das turmas com as diferentes fases evolutivas da aprendizagem. Com isso, é necessário a criação de estratégias diversas para garantir a aprendizagem de todos.

Isso significa dizer que os materiais didáticos devem ser adequados à realidade da sala de aula, respeitando os diversos níveis evolutivos da aprendizagem, para que de fato sirva de apoio ajude o aluno a se aproximar do objeto de aprendizagem.

Uma estratégia interessante para promover a aprendizagem é o desenvolvimento de atividades coletivas que possibilita a interação dos alunos de diferentes fases da aprendizagem, usando estratégias que permitam a colaboração mútua entre alunos alfabetizados e não alfabetizados. A esse respeito, Leal (2005, p. 91-92) destaca quatro formas para a aplicação, “(1) situações didáticas em grande grupo; (2) situações didáticas em pequenos grupos (com e sem variação de atividades); (3) situações didáticas realizadas em duplas; (4) situações didáticas em que as atividades são realizadas individualmente”.

Essas situações didáticas podem ser pensadas atendendo a critérios de enturmação flexíveis que possam ajudar na colaboração mútua entre os pares. Uma vez que ajuda na interação entre os pares no ciclo de alfabetização, mostrando que o professor não é o único detentor do saber e ajudando na leitura individual daquele grupo. Para isso, é importante propor atividades de leitura desenvolvidas através de desenhos e textos que busquem despertar o interesse daquele grupo de alunos ou jovens para que esteja presente, além da tarefa de alfabetização, as suas leituras de mundo.

Nesse sentido, compreendemos que o processo de alfabetização seja desenvolvido na perspectiva do letramento, para que ao se apropriar do sistema de escrita alfabética, a criança aprenda a fazer uso da língua escrita em seus diferentes contextos de vivência. Para Soares (2020) “letrar” é mais do que simplesmente aprender a técnica, é dá sentido e fazer o uso social da leitura e da escrita. Ao propor atividades que busquem atender aos diversos contextos apresentados, o professor ajuda o aluno a criar um significado para aquele conhecimento,

contribuindo no fortalecimento da identidade social e para desenvolver a sensação de pertencimento à sala de aula para além do domínio da técnica.

Além disso, é necessária uma observação atenciosa de como os estudantes com dificuldades estão progredindo, através da criação de metas e o acompanhamento individual, ferramenta fundamental para orientar as ações pedagógicas, que não deve ter como objetivo a punição e reprovação, mas garantir o direito de aprender a todos os alunos. “São as metas definidas para a sequência dos anos que caracterizam a base curricular do ciclo de alfabetização e letramento, porque garantem a continuidade na aprendizagem das crianças e no trabalho das/os professoras/es” (SOARES, 2020, p. 293). Nesse sentido, essas metas precisam estar em constante progressão, promovendo a integração dos conhecimentos aprendidos em anos anteriores para que a intervenção possa partir do que a criança já sabe. Como também precisam ser avaliadas periodicamente, à medida que as práticas pedagógicas precisam sempre se adequar a necessidade de seus sujeitos.

Logo é necessário um acompanhamento mais rigoroso e detalhado da progressão do aluno, bem como a correção de possíveis desvios e defasagens no processo de aprendizagem para análise de quais competências precisam ser desenvolvidas, para a continuidade no processo de alfabetização. Conforme Soares (2020, p. 310) esse acompanhamento precisa ser feito por meio de diagnósticos que identificam as “[...]dificuldades que a criança esteja enfrentando por meio de seus erros, que são os ‘sintomas’ que nos permitem definir e orientar a intervenção, como o médico definir o tratamento identificando a doença por meio dos sintomas”

Nesse sentido, é importante que haja um acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem dos alunos através de avaliações diagnósticas que possibilitem aos professores um conhecimento mais aprofundado dos pontos fracos e fortes de cada aluno, ou seja, que identifiquem o que as crianças ainda não sabem e o que precisam aprender, quais metas alcanças, feito isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias de ensino adaptadas às necessidades individuais.

Então é importante deixar claro que alfabetizar letrando, é

[...] compreender como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos, e com base nessa compreensão, estimular e acompanhar a aprendizagem com motivação, propostas, intervenções, sugestões, orientações, o que supõe um olhar *reflexivo* e *propositivo* sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança (SOARES, 2020, p. 290).

Ou seja, não há uma sequência a aprender, como se primeiro aprendesse a língua escrita depois, a compreendê-la para só então aprender a fazer uso desta. Trata-se de um processo concomitante, aprende a língua, compreende e faz uso dela ao mesmo tempo.

Diante disso, as estratégias para alfabetização precisam ser orientadas por processos avaliativos consistentes e constantes, definindo metas e planejando ações para garantir a progressão contínua dos alunos. Dessa forma, garante-se a eficácia e qualidade do processo educativo, permitindo que todas as crianças tenham acesso aos seus direitos de aprendizagem de forma plena e equitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a pandemia do Covid-19, vivenciamos a adoção de estratégias emergenciais de ensino remoto. Com isso, o número expressivo de alunos principalmente que estavam no ciclo de alfabetização não tinha acesso aos meios tecnológicos necessários, a escassez dos recursos e preparo dos professores, a falta de interação e regularidade na participação das aulas online, se caracterizam entre algumas das muitas dificuldades de alfabetização do contexto pandêmico.

Dados coletados em 2021 e divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontam que o índice de estudantes do 2º ano do ensino fundamental que realizaram a prova do Saebe que ficaram no nível abaixo de 1 passou de 4,6% em 2019 para 14,4% em 2021. Ou seja, ocorreu um crescimento acentuado no número de alunos que não conseguiram atingir as habilidades necessárias durante a progressão continuada, isso se torna evidente quando investigadas turmas de 4º e 5º ano, justificando a escolha dessas turmas para a nossa investigação.

Para realização da pesquisa de campo utilizamos um questionário semiestruturado organizado em 4 questões estruturantes, as quais investigam o nível da turma; quantidade de alunos; se possui alunos com dificuldade de leitura e escrita; quais as principais dificuldades desses alunos e quais estratégias são utilizadas para superar essa problemática.

Os sujeitos colaboradores são profissionais de ensino na rede pública municipal de Pereiro/CE, lecionando o 3º e o 4º anos do ensino fundamental, os quais, nomeamos de S1; S2 e S3. O primeiro aspecto abordado no questionário aponta os níveis de ensino e quantidade de alunos por turma, obtendo as seguintes informações: 2 turmas de 4º ano, com média de 22 alunos e 2 turmas de 5º ano, com média de 23 alunos.

O segundo questionamento traz à tona questões referentes às dificuldades de aprendizagem nos aspectos de leitura e escrita. Logo, percebemos que nas 4 turmas investigadas

cerca de 50% dos alunos têm algum tipo de dificuldade, como relatam os professores(as). Existem inúmeras causas justificáveis para esses dados, Silva *et al* (2005, p. 133) aponta que discutir sobre alfabetização, leitura e escrita está se tornando, cada vez mais, uma atividade arriscada. “Não que estejamos na direção errada, mas querendo acertar, muitas vezes, incorremos no erro de não tratarmos das especificidades do processo de alfabetização e de letramento”.

Outro problema comum citado pela autora é que está tornando-se rotina tratar alunos que ainda não escrevem e não leem com autonomia como se eles assim já procedessem. Com isso, acreditamos ser necessária uma intervenção sobre a raiz do problema, é preciso encontrar estratégias significativas para manter o processo do ciclo contínuo de alfabetização na idade certa, ou seja, nos primeiros três anos do ensino fundamental.

Nesse viés, questionamos na quarta pergunta aos profissionais sobre as principais dificuldades desses alunos. O participante S1 relatou que “eles têm dificuldades devido ainda estarem nos níveis iniciais de leitura e escrita, o que acaba dificultando a realização das atividades propostas” (S1, 2023); o participante S2 citou apenas “leitura e escrita” (S2, 2023) e o participante S3 disse que “realizar a leitura do texto com entonação, respeitando as pausas e os sinais de pontuação; compreendendo a leitura realizada e conseguir fazer inferências, identificar informações” (S3, 2023). Percebemos através dessas respostas que os profissionais citaram apenas dificuldades quanto à leitura e escrita, mas não conseguiram citar de forma clara a verdadeira causa de tais dificuldades.

A partir disso observamos que esses alunos não estão alfabetizados, uma vez que, a alfabetização se trata de “[...] um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio [da língua escrita]”. (SOARES, 2012, p. 16). Portanto, conforme destacado pelos professores esses alunos, não dominam a técnica, como também tem déficit no letramento como foi enfatizado pelo o sujeito da pesquisa S3, ou seja, alguns desses alunos mesmo conseguindo fazer a leitura não conseguem compreender as informações.

Diante dessa realidade que não é apenas do *locus* pesquisado, mas de todo o país, por isso a necessidade de estratégias que foquem nas diferentes dificuldades enfrentadas pelos alunos em seu processo de aprendizagem inicial da língua escrita.

Por fim, o último questionamento diz respeito aos métodos e estratégias utilizadas para superar este desafio. O sujeito S1 relatou: “colocar esses alunos para trabalharem em dupla ou grupos com alunos que não tenham dificuldade” (S1, 2023); o S2 mencionou “muita produção textual, escrita pelo quadro, cópias de texto” (S2, 2023) e o S3 disse trabalhar com “atividades

de alfabetização explorando sílabas, formação de palavras, frases e pequenos textos” (S3, 2023). Percebemos então que as estratégias ainda são limitadas, quando relacionamos com a realidade e necessidades dos alunos.

A criação de práticas pedagógicas diversas é muito importante pois garante a partir do que cada aluno já sabe escolher as melhores opções didática para situação. Sendo crucial a mediação e avaliação constante do professor da eficiência das atividades propostas. A primeira estratégia citada quanto à formação de duplas é importante, pois a partir da interação é possível a troca de informações e a comparação de hipóteses. Para Albuquerque; Morais; Ferreira (2008) atividade em duplas pode ser realizada de modo que, os alunos reflitam sobre a escrita alfabética, desde que os oriente a dá as respostas de imediato, ao mesmo tempo que pode firmar duplas com um aluno que já domine o sistema alfabético e o outro que ainda não domine sem orientação. Nesse âmbito, vale salientar que deve haver a preocupação quanto à interação se está sendo estabelecida uma cooperação, ou o contrário, enquanto um aluno copia o outro apenas cola.

Quanto a resposta mencionada pela a S2 Soares (2020) defende a produção de texto como o despertar da criança para a cultura escrita e apropriação do sistema alfabético. Em consonância com a autora acreditamos que a produção de texto é primordial no processo de alfabetização na perspectiva do letramento, pois permite a criança descrever situações reais quando necessário, assim possibilita o uso social da escrita. Entretanto, quando a professora enfatiza que são muitas produções e cópias de textos recai nas práticas pedagógicas tradicionais mecanicistas que não levam em consideração os alunos como sujeitos aprendentes pensantes, já que a cópia não promove uma reflexão sobre a língua e não permite a elaboração de hipóteses. Esse tipo de prática pode acabar se tornando enfadonha e sem significado para o aluno.

A resposta da professora S3 demonstra realizar atividades que exploram as sílabas, formação de palavras, frases e pequenos textos, dependendo da forma como ela aborda, se é na perspectiva de partir do texto, significa uma maior preocupação quanto às estratégias que atendem a uma maior sistematização e preocupação com a criação de estratégias para a continuidade no processo de alfabetização desses alunos, desde a consciência fonológica até a produção textual. Porém, se o trabalho é desenvolvido de forma descontextualizada, não é significativo para o aluno.

É muito comum, principalmente após o fim do ciclo de progressão continuada os professores não proporem atividades para alfabetização e realizarem a materialização das atividades propostas no livro didático. Entretanto o material preparado para o 4º e 5º ano são propostas para alunos alfabetizados, uma vez que a estrutura curricular tem uma ordem

sistemática que determina a alfabetização nos primeiros dois anos do ensino fundamental. “Nesses casos, é necessário pensar em atividades em que todos os alunos estejam de fato aprendendo e tenham possibilidade real de participação” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008, p.102). Ou seja, não é importante seguir o livro didático se os alunos não se encontram em um nível de aprendizagem que os possibilitam acompanhar a proposta deste.

Proporcionar metodologias eficazes significa proporcionar aos alunos maior autonomia e a garantia da alfabetização na idade certa, ou seja, nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Garantir que os alunos estejam plenamente alfabetizados é um dever não apenas da escola, mas também do Estado e de toda sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa discussão podemos observar que na maioria desses casos o que acontece em virtude da descontinuidade no processo de alfabetização, são estudantes que passam por um processo contínuo de repetência, onde não são trabalhadas estratégias que busquem ajudar esses alunos. Como causa de processo temos a evasão escolar entre outros fatores, fenômeno comum nas redes de ensino do Brasil.

Destarte, vale salientar a necessidade de práticas sistematizadas e capacitação necessária para que os professores alfabetizados possam atuar na raiz do problema, articulação da gestão e comunidade, avaliação das práticas desenvolvidas na sala de aula, entre outros fatores. Logo é necessária a investigação quanto às causas do problema para esse processo seja realizado de forma contínua.

Os resultados apontam a necessidade de promover situações de aprendizagens com estratégias metodológicas diversas que atendam a todas as crianças, visando à continuação do processo de alfabetização e a participação plena dos alunos não alfabetizados nas atividades escolares. Uma vez que, não existe um manual pronto para o professor alfabetizador, mas um conjunto de estratégias que exige avaliação diagnóstica contínua usada como base para o planejamento.

Diante do exposto, torna-se evidente a necessidade de pensar práticas de ensino e abordagens inclusivas para as salas de aulas. Visto que a alfabetização envolve habilidades de interpretação, análise crítica e produção textual. Sendo um instrumento de inclusão que proporciona aos sujeitos capacitação pessoal e social, permitindo que eles comuniquem-se e interajam de forma efetiva na sociedade, além de despertar visão crítica e conhecimentos para pensar sobre o mundo e a realidade que os cercam.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia.; MORAIS Artur Gomes.; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? **Revista Brasileira de Educação** V. n. 13, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/sZtjtWnx5pmDhVq5SmK9ztp/abstract/?lang=pt>. Acesso em 16 set 2023.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes.; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2005.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. Editora Melhoramentos, São Paulo, 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Seminário Alfabetização e letramento em debate**, conferência realizada em Brasília, 2006.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. UNESP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Francicleide Cesário. **Memórias de professoras alfabetizadoras leigas do município de Pau dos Ferros-RN (1950-1970):** saberes, práticas e identidades. (Tese de Doutorado) PPGL, UERN, Pau dos Ferros/RN, 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Ed. 6. 3ª reimpressão. Editora Contexto, São Paulo, 2012.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. Editora Contexto, São Paulo, 2020.